

Autoetnografia de uma cabocla da roça: filha de um roçado de muitas aprendizagens

Sansuely Pereira Xavier de Castro^{1*} , Fernanda Priscila Alves da Silva² 

RESUMO

Este artigo pretende dialogar sobre as memórias construídas a partir das experiências e vivências de familiares na roça, por meio da abordagem autoetnográfica de uma cabocla da roça. Considera-se a importância do narrar-se como parte do processo formativo, desde uma análise crítica, que permite questionar como se têm constituído as aprendizagens dos sujeitos, suas vivências e experiências. A narrativa autobiográfica, enquanto movimento de escrita, pesquisa e metodologia, permite um olhar sobre si e sobre as vivências cotidianas. Neste caso, essa perspectiva considera os processos educativos emancipadores e humanizadoras de uma educadora, filha da roça, que se faz e se conta no percurso educacional. Assim, o movimento autobiográfico, centralizado nas narrativas, memórias e história, busca, por meio da escrita de si, valorizar os saberes da roça e suas diversas aprendizagens.

Palavras-chave: Aprendizagem; Autoetnografia; Humanização; Processos educativos.

Autoethnography of a Cabocla from the Countryside: Daughter of a Field of Many Learnings

ABSTRACT

This article aims to discuss the memories built from the experiences and life stories of rural families, through the autoethnography approach of a cabocla from the countryside, considering the importance of self-narration as part of the formative process from a critical perspective, which allows questioning how individuals' learning, experiences, and life paths have been shaped. The autobiographical narrative, as a movement of writing, research, and methodology, enables a reflective gaze upon oneself and upon daily experiences, and, in this case, it considers the emancipatory and humanizing educational processes of an educator, a daughter of the countryside, who shapes herself and tells her story throughout her educational journey. The autobiographical movement is centered on narratives, memories, and history, and in this text, through self-writing, the aim is to value rural knowledge and its diverse forms of learning.

Keywords: Learning; Autoethnography; Humanization; Educational processes.

Autoetnografia de uma chica de campo: hija de una granja com muchas lecciones

RESUMEN

Este artículo pretende dialogar sobre las memorias construidas a partir de las experiencias y vivencias de familiares en el campo, por medio del enfoque autoetnográfico de una cabocla del medio rural, considerando la importancia de narrarse a sí misma como parte del proceso formativo desde un análisis crítico, que permite cuestionar cómo se han constituido los aprendizajes de los sujetos, sus vivencias y experiencias. La narrativa autobiográfica, como

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, Amazonas, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Professor Nilton Lins, Nº 4275, bairro: Flores, Manaus, Amazonas, Brasil, CEP 69.058.030. *Autora correspondente: sansuelypxc@gmail.com.

² Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEdU/C/UNEB. Mestrado em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEdU/C/UNEB. Mestrado em Teología pelo PPGEST. Bacharel em Teología pelo Centro de Ensino Superior de Teología de Juiz de Fora. Membro e pesquisadora do Grupo de pesquisa: Educação, desigualdades e diversidades (PPGEdU/C/UNEB). Membro e Pesquisadora do Grupo de Estudos Família, (Auto)Biografía e Poética (FABEP), da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Membro e Pesquisadora do Encruzilhadas Amazônicas - Grupo Contracolonial de Pesquisa em Artes, Educação e Psicología (EAGCPAEP).



movimiento de escritura, investigación y metodología, posibilita una mirada sobre sí misma y sobre las experiencias cotidianas y, en este caso, considerando los procesos educativos emancipadores y humanizadores de una educadora, hija del campo, que se construye y se cuenta en su trayectoria educativa. El movimiento autobiográfico tiene su centralidad en las narrativas, memorias e historia y, en este texto, se busca, por medio de la escritura de sí, valorar los saberes del campo y sus diversos

Palabras clave: Aprendizaje; Autoetnografía; Humanización, Procesos educativos.

INTRODUÇÃO

Dialogar sobre si revela a voz singular das vivências e experiências individuais, atravessadas pelos aspectos coletivos construídos ao longo da vida, materializados pela cultura de cada povo, de cada gente. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo valorizar os saberes da roça e suas diversas aprendizagens, ressignificando seu sentido no contexto amazônico, por meio da abordagem autobiográfica, traduzindo o percurso de vida de uma cabocla do interior do estado do Amazonas, filha de um roçado que trouxe grandes aprendizagens humanas, mediatizadas pela simplicidade, resistência e ensinamentos.

Os espaços de vida, trabalho e saberes repassados de geração em geração, de como lidar com a terra e com as inter-relações comunitárias, surge uma narrativa que fala sobre a vida e sobre a experiência de contar a vida no interior do estado do Amazonas, na cidade de Anori, e, em seguida, compartilhar sua autobiografia e autoetnografia de uma cabocla da roça, alcançando dimensões pessoais, sociais, culturais e os aprendizados e saberes da vida no roçado. A partir das reflexões dessas memórias entrelaçadas com o teor acadêmico, este estudo pretende contribuir para a compreensão do sentido de ruralidades e urbanidades dentro do espaço de cada sujeito, que carrega em suas histórias significados que dialogam com a forma peculiar de cada ser.

A compreensão de ruralidades e urbanidades é atravessada pelo sentido de roça e interior, a partir das experiências e vivências da autora em Anori, município do estado do Amazonas, território que recebe esse nome de origem indígena em Nheengatu, Uanuri ou Wanury, conhecida regionalmente como “Ánory”, que significa “tracajá macho”, uma espécie de quelônio que existia em abundância em seus lagos.

Um lugar que se aconchega à margem esquerda do Rio Solimões, abrindo seu acesso por via fluvial pela Comunidade São Sebastião, popularmente conhecida como a “Boca do Anori”, seguindo por percurso que deságua no lago de Anori e percorrendo suas águas, contemplando a exuberância da natureza amazônica, avista-se, logo, a cidade de Anori. Distanciando-se cerca de 234 quilômetros da capital do estado do Amazonas, Manaus, possui





uma população estimada de 18.056 pessoas (IBGE, 2022), sendo o quadragésimo quinto município mais populoso do estado do Amazonas.

SOBRE A EXPERIÊNCIA DE CONTAR SOBRE A VIDA NO INTERIOR

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
– Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!*

“...versos do poema” (ABREU, 1858, linha 1-8).

Nascer, crescer, viver e conviver na cidade de Anori, no estado Amazonas, em meado dos anos 80 e 90, traduz, neste trecho do poema de Casimiro de Abreu, a essencialidade do meu eu, experienciada e vivenciada no mundo rural, que eternizou memórias regadas de muito afeto na travessia da minha tenra infância e adolescência.

Considero oportuno desconstruir a ideia colonizadora desse território como uma fonte geradora de problemas, atrasado e isolado; ousando deslumbrar esse lugar como um “universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais” (Wanderley, 2021, p. 32). De igual modo, alio-me à autora para dar voz e vez a “este mundo rural que mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba”.

Nascida nas entranhas desse mundo, rememoro esse espaço rural sentindo cheiro de café coado, conversas diárias na frente de casa destemida de assaltos, festa junina com direito a fogueira, casamentos, batizados, padrinho e madrinha de fogueira, cantigas, os contos dos cantos e encantos da floresta amazônica e brincadeiras tradicionais; que se imbricaram na construção da identidade do meu ser cabocla.

Essa identidade apagada, estigmatizada e estereotipada se evidencia nas tessituras do contexto cultural em que vivi e, partindo disso, revivo os lugares, tempos e épocas, sentindo sabor de açaí, tucumã, bodó e jaraqui, desenvolvendo o saber para ser, viver e conviver em uma dinâmica de construção envolvida por comportamentos, linguagens, costumes e modos muito peculiares à vida interiorana.

E, nesse contexto, por muito procurar uma identidade para chamar de minha, me





permitindo exercitar a autorreflexibilidade desemboco no mais íntimo do meu ser, desnudando-me da roupagem que a globalização impôs às identidades culturais, desconstruindo as ambivalências da identidade étnica amazônica, renascendo como uma mulher cabocla (SOUZA; SIMAS; SILVA, 2024). “Assim, é possível dizer que nossas identidades e os pertencimentos são construídos na cultura e no estabelecimento dos vínculos sociais. E não fica somente por aí, pois tal concepção é complexa porque é subjetiva, exigindo a tomada de consciência de si” (Silva; Souza, 2020, p. 5).

E, sendo, sou gente carregada de sentimentos que afloram alegria, liberdade, sonhos e simplicidade, em conexão com a natureza, desfrutando da beleza dos rios e lagos de água negras e barrentas, ambas doce, que funcionam como estradas fluviais que dão acesso às demais cidades e comunidades ribeirinhas. Navegando por canoas, lanchas e barcos/motores, são modos de vida que constituem a formação identitária da gente que vive no interior da Amazônia amazonense.

Mencionando a expressão “interior”, deparo-me com a sua construção histórica, que carrega a dura estranheza que estigmatiza esses outros espaços e essas outras gentes:

Por meio do discurso daqueles que estão em posições privilegiadas nas relações de poder [...] oriundos das metrópoles e grandes centros urbanos”. Para estes, o interiorano é o caboclo (utilizado de modo pejorativo), o matuto, o bicho do mato, o atrasado ou o jeca, aquele que é eximido de tecnologias, uma herança colonial desumanizadora. (Domingues; Gontijo, 2020, p. 5).

O interior contemporâneo segue indefinido, desnuda-se de identidade nacional homogênea, ignora imposições de modelos identitários, mas permite ser compreendido a partir do “olhar sobre a região e suas múltiplas áreas [...] das suas configurações históricas da ocupação dos territórios e da construção das territorialidades [...]. Assim, postula-se aqui que há, no mínimo, um interior relacional [...] na forma de experienciar o mundo e a sua diversidade” (Domingues; Gontijo, 2020, p. 74).

E, experienciando essa diversidade, cresci brincando com os pés na terra, ou melhor, no barro vermelho, aconchegada por relações interpessoais reais entre familiares, amigos, vizinhos; a base da alimentação era sempre natural. Sendo agricultores ou não, era muito comum o cultivo dos roçados, das muitas ou poucas extensões de terras manuseadas e preparadas para o plantio pelas mãos da gente que vive da roça no interior. Nesse sentido, interior e roça se cruzam no encontro entre o rural e o urbano, pois “este mundo rural se move em um espaço específico, o espaço rural, entendido em sua dupla face” (Wanderley, 2020, p. 32).





Na dimensão cultural, nas cidades do interior do Amazonas, não há um “ser da roça”, mas o ser que “está na roça”. Geralmente, são os sujeitos que adquiriram conhecimentos repassados por gerações e que aprenderam a manusear a terra, plantando e colhendo hortaliças, frutas, verduras e legumes, tanto para o seu próprio consumo quanto para comercialização. E o “ser do interior” é o sujeito enaltecido pela dinâmica social e cultural de uma cidade de pequeno porte, em comparação às grandes capitais.

Souza (2018) aponta que essa dicotomia socioespacial gera uma certa ideologia urbana que tende a descharacterizar a vida na roça e a estrutura rural como menos importantes em comparação com a realidade vivenciada nas grandes cidades. No entanto, falar desses outros modos de viver e saberes atravessados por outros contextos que não são urbanos revela não só os lugares que habitamos, mas evidencia o ser que habita em nós, que tem um jeito singular de ser, enaltecedo a valorização e o respeito dessas muitas outras gentes.

De modo peculiar, o comércio local, por exemplo, apresenta uma certa dinâmica de funcionamento: geralmente, suas atividades iniciam das 7h às 12h, reiniciam às 14h e encerram às 17h. Normalmente, todos os comerciantes são popularmente conhecidos. Porém, não há uma concentração de oportunidades de empregos, e isso é um ponto que diverge em comparação com os grandes centros urbanos, onde há maior concentração de emprego, cursos, estudos e diversas formas de lazer.

Ao mesmo tempo que isso traduz um certo engrandecimento socioeconômico no espaço urbano, também dá sentido à vida rural, que se desenvolve no envolver de sua gente, naquilo que a natureza oferece, avivando-se nas aprendizagens de muitas outras gerações e configurando-se como uma verdadeira herança cultural.

Essas heranças são memórias eternizadas desde o tempo em que, ainda menina no interior, não tive acesso a shopping, nem a cinema, muito menos a parques aquáticos. Os shoppings eram organizados nas ruas, a céu aberto, em um certo período das festividades culturais e religiosas, quando os vendedores, conhecidos como marreteiros, tomavam conta das ruas e montavam suas lojas. Os cinemas eram substituídos pelas rodas de estórias que os nossos pais, avós ou vizinhos mais velhos contavam, olhos e ouvidos fitos nos contos de assombração, cobra grande, boto e demais encantos da floresta. Nossa praça aquática era pular n’ água no lago de Anori, andar de canoa a remo ou de motor rabeto; na época de seca, era construído um grande escorregador de barro que dava acesso direto ao rio. Esse foi o estilo de vida da minha infância.

De um tempo longe das tecnologias, as ruas de barro era o local propício para brincar.





Todos os dias, o final das tardes era de fartas brincadeiras tradicionais, como: macaca, gemerson, cemitério, pular corda, pular n’água, o seu rei mandou, barra bandeira, manja e tantas outras. E ainda rememoro a delícia que eram os banhos de chuva, aproveitando cada biqueira formadas pelos telhados das casas e de alguns comércios.

De base natural, a alimentação era plantada e colhida na roça ou roçado, como também, na horta familiar cultivada em casa por meios de canteiros. Por esses lugares, nossa mesa se fartava de hortaliças, frutas, verduras e legumes, que temperavam o nosso pirarucu, tambaqui, bodó, jaraqui e tantos outros peixes da nossa região, longe de substâncias nocivas como os agrotóxicos.

Apesar dos avanços tecnológicos, urbanização e do crescimento populacional, a vida no interior apresenta alguns desafios; por exemplo, a escassez dos serviços de saúde especializada. Nos casos de emergências, as pessoas são encaminhadas para Manaus, por via aérea ou fluvial. Insegurança pública, agravada com episódios de assassinatos envolvendo o tráfico de drogas; a precariedade educacional nas comunidades rurais; como também a falta de investimentos potenciais para a geração de emprego e renda. Isso faz com que as pessoas migrem para Manaus ou para outra cidade em busca de novos horizontes, gerando o êxodo rural e, de certo modo, enfraquecendo o potencial econômico do município.

AUTOBIOGRAFIA E AUTOETNOGRAFIA DE UMA CABOCLADA ROÇA

Meu nome é Sansuely Pereira Xavier de Castro; algumas pessoas costumam me chamar de Tiele, um nome carinhoso criado pelo meus pais. Nasci, cresci e vivi até os meus dezoito anos em Anori, cidade do interior do estado Amazonas, nesse território experienciei os aspectos das ruralidades, que foram confrontados ao chegar na “cidade grande”, em Manaus, no ano de 2002 para cursar a graduação em Pedagogia na Universidade Paulista – UNIP.

Antes de me tornar ser quem sou, recordo que quando menina brincava de ensinar e também aprendia, como os olhos fitos em duas mulheres: na professora Consuelo, minha avó e na professora Soraia, minha mãe, e como elas sou professora e pedagoga, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED).

Chegando em Manaus, capital do estado do Amazonas, senti uma brusca mudança social e cultural. Por alguns anos, me senti incivilizada e com uma extrema necessidade de ser colonizada para a “normalidade” da cultura amazonense urbana, e por anos vivi coagida para me expressar. Observava os espaços, sobretudo o comportamento das pessoas urbanas, e as





imitava; e, aos poucos me incluía para atender aos anseios das pessoas urbanizadas, anulando minhas raízes, linguagens, culturas, vivências e experiências, despida de identidade, perdida entre o rural e o urbano, marcada pelo complexo de inferioridade que me acompanhou por alguns anos.

Pelejando pela educação, sobressaí e aprendi a tornar-me “[...] ser capaz de interagir e ser capaz de representar” (Lira; Passeggi, 2021, p. 12). Aprendi a ser quem sou: gente do interior na cidade grande, orgulhando-me das minhas raízes, do meu açaí, tucumã, bodó e do meu jaraqui. Reaprendi a expressar a linguagem da minha gente: “telezé”, “a boca da noite”, “toda valença”, “nem com nojo”; e, de repente, a voz antes silenciada ressurge, encorajada na minha identidade cabocla.

Ao me reportar ao “interior”, significa dizer que sou parte desse território. Sinto pertencimento, encontro aconchego em uma cidade que adota um modo parcial de urbanização, mas que não renuncia ao seu estilo de vida, confortada por uma rotina amena, com lugares acessíveis e sem grandes necessidades de transporte público. Na locomoção da nossa gente, costuma-se usa bicicleta, motocicleta ou simplesmente fazer uma boa caminhada.

Por meio desta narrativa autobiográfica, nas perspectivas autoetnográficas, entendidas como “uma investigação etnográfica que utiliza materiais autobiográficos do pesquisador como dados primários, enfatizando a análise cultural e a interpretação dos comportamentos e experiências do pesquisador em relação aos outros sociais” (Rabinovich, 2024, p. 30), busco realizar uma autorreflexão sobre minha trajetória de vida profissional, educacional e cultural. Trata-se de uma vida experenciada por uma cabocla da roça: filha de um roçado de muitas aprendizagens.

Neste sentido, a autoetnografia, em diálogo com a autobiografia, tem despontado na literatura como um campo de pesquisa que aborda as histórias de vida, os relatos de si mesmo e as formas pelas quais pesquisadores e pesquisadoras tentam se inserir enquanto sujeito de fala nas narrativas que produzem. Segundo Souza (2004), a “escrita narrativa remete ao sujeito para uma dimensão de autoescuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida” (Souza, 2004, p. 72).

A roça ganha outra dimensão, constituindo-se como uma parte ou uma extensão de terras reservadas ao cultivo para o próprio consumo das famílias ou para comercialização, popularmente conhecida como roçado. Particularmente, não experimentei a rotina diária da roça, mas a minha família, de certo modo, garantia o sustento doméstico por meio dela. Era desse trabalho que chegavam à nossa mesa a farinha, o pé de moleque, o beiju, derivados de





mandioca que eram produzidos na casa de farinha. Além desses produtos, tínhamos o cará, o ariá, o jerimum, o maxixe, a cebola e o cheiro verde, que faziam parte das refeições. Do milho, vinham todas as delícias que minha mãe preparava: milho cozido, pamonha, canjinha, e ainda havia o suficiente para alimentar as galinhas do nosso quintal.

Quando menina, acompanhava meus pais na pesca. É muito comum o peixe fresco como potencial alimento das pessoas interioranas. Além disso, a pesca nos coloca em contato direto com os lagos, rios, flora e fauna amazônica, constituindo um extraordinário usufruto da natureza. Sou cabocla, filha de gente simples que, pelos seus antepassados, aprendeu a lidar com a terra, com as plantações e com os bichos do roçado, com o trabalho braçal que caracteriza a vida na roça. Para o meu pai, assim como para muitas pessoas do interior do estado do Amazonas até a década de 1980, filhos de pais analfabetos, não havia outras oportunidades a não ser o roçado como principal fonte de sobrevivência.

A realidade tomou outro rumo quando os meus pais passaram a priorizar a educação para os filhos. Diferente da infância deles, em que o lugar de brincar era no roçado, minha foi marcada por muitas brincadeiras: pés descalços correndo nas ruas de barro vermelho, subindo em árvores para apanhar as frutas no quintal de casa ou no terreno dos parentes e pulando n'água no rio que fica em frente à cidade, o lago de Anori, de águas negras e frescas.

Além da vida marcada pelas estações predominantes, o inverno e o verão amazônico, a vida interiorana segue no compasso dos ciclos dos rios; o período das cheias e o período da seca (estiagem). Em ciclos intensos, alguns desafios são enfrentados pela população, sobretudo nas comunidades rurais, onde as pessoas dependem do roçado como principal fonte de renda familiar. Na cheia, as plantações e as casas ficam submersas; e, na seca severa, as produções não têm como ser escoadas devido à distância dos portos até a roça, sobretudo porque se formam grandes extensões de praias. Soma-se a isso a falta de água potável, entre outras dificuldades.

A força do trabalho da roça foi transportada para a força dedicada aos estudos. Não aprendi a plantar, colher, fazer farinha e tampouco me recordo de ter ido ao roçado, que geralmente ficava longe; algumas pessoas chamavam esse lugar de “centro”. Mas, com a roça, aprendi o valor do trabalho, do amor, do cuidado e do zelo. Esses valores foram transmitidos pelos meus pais. Ainda menina, meu pai, mesmo muito cansado, colocava-me na “ova”, como ele chamava esse gesto de colocar os filhos em seus braços, para contar estórias da onça pintada, da festa dos bichos no céu, do mapinguari e de tantos outros encantos. Aconchegada por tanto afeto, aprendi, desde cedo, a importância da afetividade para a vida.





Por esse lugar e pelas minhas experiências e vivências, recebi as marcas do interior. Cresci ouvindo as estórias do meu pai, assim como de outras pessoas, as de visagem, dos encantos, da cobra grande contada pelos mais velhos. O contato direto com a natureza, as relações interpessoais orgânicas, o acordar com o cantar do galo, a vida social voltada para os saberes ancestrais da roça, do roçado, da pesca, da caça, do brincar e do falar revelam a minha autoetnografia: ser cabocla do interior, sustentada pela roça, carregando tradições que são passadas por gerações, vivendo em comunidade, imbricada na natureza e nutrindo o sentimento de pertencimento às raízes do meu ser.

OS APRENDIZADOS E SABERES DA VIDA NO ROÇADO

Pensar o sentido da roça na minha vida, olhando para aquilo que é visível, lido e interpretado como uma extensão de terras com muitos e variados plantios, poderia levar à conclusão de que nada disso me envolve: não existiria relação, não haveria significado algum. Afinal, não experienciei o manuseio do estrume para a adubação da terra, a coivara, muito menos plantei. Mas, quando rememoro as experiências e vivências familiares, sobretudo a dos meus pais e, em específico, as do meu pai, Ademar Correia Xavier, o significado da roça se redimensiona, remetendo-me a uma condição de sobrevivência. Pela roça, vejo-me alimentada; por ela, sinto-me viva. Nesse sentido, quando narro essas memórias, a escrita flui carregadas de emoções, porque por meio dela aprendi a tornar-me uma mulher cabocla, de uma vida sustentada pela roça, filha de um roçado de muitas aprendizagens.

E essas muitas aprendizagens reluzem a partir das experiências e vivências de duas vidas entrelaçadas em épocas e condições sociais distintas. Somos pai e filha, caboclos amazonenses, nascidos e criados no município de Anori. O ponto de partida, portanto, leva-me a indagar: Como têm se constituído as aprendizagens dos sujeitos, suas vivências e experiências de vida, nos processos formativos e profissionais, para que se chegue a ser aquilo que se é?

Essa indagação leva-me a adentrar nas impossibilidades históricas que desafiaram o trajeto de vida do meu pai e, por meio da sua história de vida, consigo ver a roça para além do que os meus olhos alcançam. Passo a compreender e interpretar o “roçado” como uma condição de sobrevivência, marcada por uma determinada condição socioeconômica. Meu pai sempre considerou o manuseio do roçado como serviço digno e honesto, ele também sentiu na “sua pele, nos músculos e ossos, a dureza do trabalho repetitivo e pesado [...], marcado pelo trabalho árduo na agricultura e pela pobreza, muito embora o trabalho, como princípio da vida,





proporcionou-lhes a produção da existência.” (Silva; Souza, 2020, p. 4).

O roçado, além de significar o sustento substancial da minha família, faz-me deslumbrar a resistência dele. Com isso, também aprendi ser resistência e, aprendendo, proponho-me a narrar os caminhos percorridos por esse caboclo amazonense, experienciados desde o seu nascimento, em 1952, “nas condições de sua época - por parteiras, mulheres que com suas experiências de vida, exercem a função de obstetra em circunstâncias carregadas de simbologias, rezas, crenças, uso de folhagens [...] um acontecimento que faz parte da constituição sociocultural rural” (Silva; Souza, 2020, p. 2), no Médio Solimões, Amazonas, em um lugar conhecido à época como “Barro Alto”, em Anori.

Pelejou e conseguiu sobreviver diante de impossibilidades históricas, sustentado pelos saberes ancestrais. A saúde pública negada passou a ser exercida pela medicina natural, por meio de chás e banhos de folhas de plantas, acompanhados das rezas. Ler, escrever e calcular eram transmitidos por pessoas alfabetizadas. As cacimbas eram o lugar de acesso à água potável; o fogão a lenha servia para preparar os alimentos e a lamparina para iluminar a escuridão da noite. Os peixes e outras caças recebiam adição de sal e, sem energia elétrica, a técnica permitia estender sua durabilidade.

“Oriunda da impossibilidade histórica em acessar a escola [...] carregava o histórico da não escolarização familiar” (Silva; Souza, 2021, p. 2). O acesso à alfabetização era restrito a poucos, o que resultava em um ciclo de exclusão e marginalização das populações locais, revelando profunda desigualdade social e a precariedade das políticas públicas na região, que historicamente marginalizaram os povos do interior, especialmente os indígenas e as populações ribeirinhas, negando-lhes os direitos básicos à educação e à saúde (Santos, 2021). Ele, seus pais e irmãos eram todos analfabetos: sua mãe, Raimunda Xavier, dona de casa, e seu pai, Francisco Xavier, convededor da medicina tradicional herdada de seus ancestrais (Souza, 2025).

Entre o roçado e sua vontade de aprender, seu processo de alfabetização começou a partir do saber de outras pessoas, consideradas por ele como professores, conhecidos como Normando e Abraão. Estes cobravam pelo serviço, tornando-o inacessível para muitas crianças e restringindo o acesso à alfabetização, o que resultava em um ciclo de exclusão e marginalização das populações locais.

Não tive a experiência de viver no roçado, mas sim de viver da roça. Meu pai, desde “curumim”, aprendeu com os meus avós a exercer o trabalho do cultivo da terra, uma sabedoria que foi transmitida de geração em geração, pois era dela que sua família sobrevivia. Todos eram





analfabetos; entre eles, meu pai aprendeu a ler, escrever e a calcular as quatro operações. O roçado não era apenas um espaço de produção de alimentos, mas um lugar de esforço coletivo e formação humana, ultrapassando os limites do campo e alcançando as mais diversas dimensões da vida.

Um dos aprendizados mais valiosos que se pode adquirir no manejo da roça é o respeito aos limites da natureza. Sabe-se que existe um tempo de preparo e um tempo de semeadura até que chegue o tempo da colheita. Para cada etapa há um período determinado, pois é a natureza que se apresenta como a provedora substancial de nossa sobrevivência. Assim, aprende-se o valor da paciência.

O caboclo/agricultor, mesmo sem dominar a leitura e a escrita, aprende a “ler” a natureza: orienta-se pelos horários condicionados à posição do sol, adapta-se ao tempo das chuvas, o inverno amazônico, e lida com todos esses ciclos. Aprende também a armazenar a comida no boró, conservando-a até o fim do trabalho na roça ou da pesca. As estratégias para preparar a terra, plantar, esperar a época da colheita e respeitar o tempo que a natureza necessita para seu desabrochar exigem calma, paciência e humildade diante das forças da natureza. O mesmo roçado que ensina não faz nada sozinho: precisa da cooperação humana, dos animais, do clima e do solo.

No roçado, os saberes são ilimitados. Nele, as técnicas envolvem estratégias baseadas na oralidade, na orientação e nas instruções necessárias para que o preparo da terra aconteça com os instrumentos, que são, de certo modo, simples, porém assertivos, garantindo que as sementes cresçam resistentes, aproveitando adequadamente os recursos disponíveis. Desse modo, aprende-se práticas sustentáveis, cultivadas pelos agricultores de maneira natural. Hoje, entretanto, observa-se a crescente adição de agrotóxicos, prejudiciais à vida, enquanto esses saberes milenares vão sendo esquecidos.

Nesse contexto, o trabalho coletivo é um ato de solidariedade, cooperação e ajuda mútua. Não há competição; o que predomina é a colaboração. No ambiente da roça, a família inteira é envolvida, contribuindo cada qual com sua força e habilidade. Assim, surgem aprendizados que se entrelaçam, como o fortalecimento dos laços comunitários e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento. A colheita, portanto, não significa apenas o resultado do esforço, mas uma construção coletiva que reafirmar o sentido de comunidade.

A simplicidade e a valorização do essencial são heranças profundamente presentes nos ensinamentos da roça. Quem vive nesse lugar entende que a fartura vai muito além de possuir dinheiro em abundância: ela se traduz na alegria de ver a mesa farta com alimentos cultivados





pelas suas próprias mãos. Esses saberes constituem uma filosofia de vida que valoriza o orgânico, o genuíno e o que está próximo, caminhando na contramão da artificialidade que o mundo tecnológico nos impõe. Assim, aprende-se também que, no percurso da vida, “vale muito mais a humanização que construímos coletivamente, que a decoreba que pouco nos ajuda a enfrentar os desafios da vida.” (Silva, 2021, p. 4).

CONCLUSÕES FINAIS

Ruralidade e urbanidade, roça e interior, narrativas e memórias: falar dessas experiências e vivências em um determinado contexto cultural é desfazer a ideia colonizadora que tenta reduzir a formação do ser. É compreender que nos constituímos no convívio com outras pessoas e em múltiplos lugares, cujos contextos diversos tecem nossa identidade, denunciando as injúrias discriminadoras e preconceituosas.

Desse modo, consideramos que este estudo ecoa um pensar voltado para a diversidade, sobretudo amazônica, apontando caminhos para o aprender em suas múltiplas dimensões a partir “da diáde experiencia-sentido” (Silva; Souza, 2020, p. 6). A significação deste estudo nasce da coragem de narrar-se a partir do vivido e do experienciado, na autoidentificação do ser caboclo/a, decidindo desnudar-se de todo estereótipo histórico e reconhecer as próprias raízes, raízes que se fazem e refazem nas aprendizagens transmitidas por gerações, no modo de viver simples, resistente e resiliente, calcado na tranquilidade, no respirar o cheiro de mato, no desaguar dos rios e lagos.

Portanto, a significância da roça/roçado se fortalece como instrumento reflexivo de um todo constituído pela formação cultural, social e humana, traduzindo saberes revestidos de resistência: a dureza do trabalho físico, a coragem e a habilidade diante das adversidades climáticas e dos ciclos naturais, bem como a criatividade necessária para lidar com a escassez de recursos.

São esses desafios que nos ensinam e nos fazem aprender a capacidade de superação, da criatividade e de paciência. A cada colheita, revela-se em um aprendizado sobre os ciclos da vida e os seus constantes recomeços.

REFERÊNCIAS





ABREU, Casimiro de. **Meus oito anos**. 1858. Disponível em: www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/textos-escolhidos. Acesso em: 13 dez. 2025.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; GONTIJO, Fabiano de Souza. Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 3, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e74075. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/74075>. Acesso em: 3 dez. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anori (AM) - Panorama. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/anori/panorama>. Acesso em: 03 dez. 2025.

LIRA, André Augusto Diniz; PASSEGGI, Maria da Conceição. Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação. **Educar em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75688>. Acesso em: 3 dez. 2025.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Eu/nós: História e Autoetnografia. **Revista Ouricuri**, Brasil, v. 14, n. 1, p. 25–37, 2024. DOI: 10.59360/ouricuri.vol14.i1.a18456. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/ouricuri/article/view/18456>. Acesso em: 3 dez. 2025.

SANTOS, Djamila Taís Ribeiro dos. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SILVA, Ana Maria Assunção da; SOUZA, Antonio José de. Identidades e culturas das docentes do campo/roça. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. Belo Horizonte: UEADSL, v. 2, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17616/1125613615>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SILVA, Ana Maria Assunção da; SOUZA, Antonio José de. Formação-profissão das docentes do campo/roça. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. Belo Horizonte: UEADSL, v. 2, n. 12, 2021. Disponível em: <https://nasnuv.com/ojs2/index.php/UEADSL/article/view/533>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. Educação Inclusiva e Direitos Humanos. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 73938–73953, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n7-528. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/33420>. Acesso em: 3 dez. 2025.

SOUZA, Arycia Giseli de Melo; SIMAS, Hellen Cristina Picanço; SILVA, Fabrício Valentim. CULTURA E IDENTIDADE: contribuições antropológicas na literatura científica frente aos desafios do contexto amazônico. **CADERNOS DE EDUCAÇÃO -UFPEL (ONLINE)**, v. 1, p. 1-21, 2024.





SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. **Tese** (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10267>. Acesso em: 03 dez. 2025.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de. A Cidade que não Habita em mim! Diversas ruralidades, múltiplas territorialidades e narrativas de alunos da roça sobre a cidade. 2018. **Tese** (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/1007>. Acesso em: 03 dez. 2025.

SOUZA, Maria Lúcia. **Território e resistência**: políticas públicas e povos indígenas na Amazônia. Manaus: EDUA, 2025.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma (org.). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2001. p. 31-54. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>. ISBN 950-9231-58-4. Acesso em: 03 dez. 2025.



Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 26/10/2025	Received on: 26/10/2025
Aceito em: 17/12/2025	Accepted in: 17/12/2025
Publicado em: 04/02/2026	Published on: 04/02/2026
Conflitos de Interesse Declarar não haver nenhum conflito de interesse. Texto sugestivo: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	Interest conflicts Declare that there is no conflict of interest. Suggestive text: The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DE CASTRO, Sansuely Pereira Xavier; DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. Autoetnografia de uma cabocla da roça: filha de um roçado de muitas aprendizagens. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102007. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1868	How to cite this article - ABNT DE CASTRO, Sansuely Pereira Xavier; DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. Autoethnography of a Cabocla from the Countryside: Daughter of a Field of Many Learnings. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102007. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1868
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	Use license The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any medium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.